

Reedição de *O Delfim* e edição de uma nova *República dos Corvos* com um velho *Dinossauro Excelentíssimo* seriam o pretexto ideal para o excelentíssimo crítico presumir de sabido. Mas Cardoso Pires permanece excelente e inclassificável

autor

# O Pires excelentíssimo

Clara Ferreira Alves

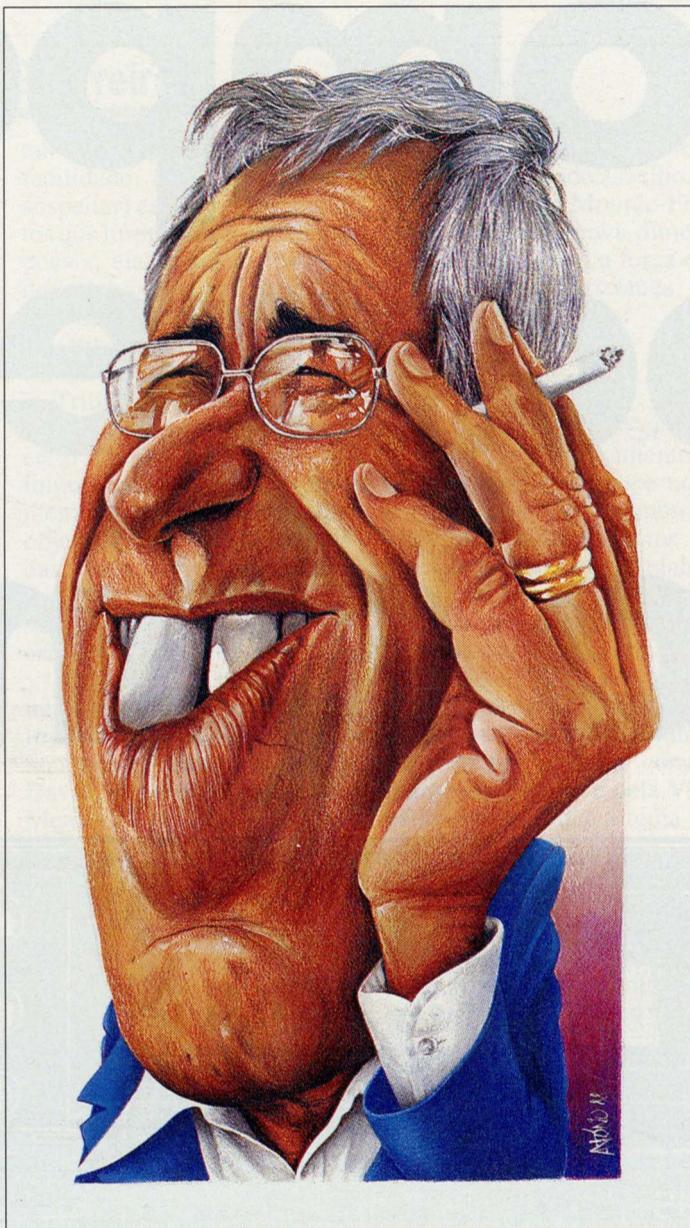
**P**ARDALINHO era o corno do pai dele». Ponto. «Caminho por quelhas atapetadas de mato que se há-de transformar em estrume e em viveiro de larvas depois de moído por botas cardadas, calores e invernias; e, caminhando, cruza-me com vultos, alguns chegados da Vila. Vejo interiores de casebres alumiados a petróleo, são uma espinha de traves cobertas com telhas em escama. Cavernas de navio é o que me lembram. Pequenas arcas de Noé. Num ou noutro há o gato e a criança de barriga nua e de pernas arqueadas; num ou noutro há o cachorro e a galinha presa pela pata a uma cadeira, e em grandes alguidares de folha remexem enguias pardacentas. A noite está tranquila, húmida talvez.» Ponto. «Mas seja. Fica Kapa, que é como ele figura na Polícia e nos livros da empresa. Franzisko Kapa umas vezes, noutras Franz Kapa ou Franz K., mas sempre engenheiro de minas.» Ponto final.

Se exceptuarmos os pontos e o ponto final, que são meus, o que temos aqui são três frases de um escritor português que, para um leitor fiel da sua obra, justificam uma identificação que prescinde do nome. São três frases, três frases apenas, mas definem um estilo inconfundível: o de José Cardoso Pires. O Pires Excelentíssimo. A sua editora acaba de reeditar *O Delfim* (a mesma reedição, prefaciada por Eduardo Prado Coelho, que tinha saído no Círculo de Leitores em Março de 86 na col. Obras Primas do Século XX) e de editar *A República dos Corvos*, nova recolha de contos onde se conta o velho *Dinossauro Excelentíssimo*. A génese desta *República dos Corvos* merecia decerto o comentário minucioso sobre a arte e a forma da escrita de Cardoso Pires, tal como *O Corvo* de Poe mereceu ao seu autor um exercício de introspecção e zurzidela no medíocre alheio que lhe valeu a reacção desfavorável de quase toda a gente. Não estou a comparar Cardoso Pires com Edgar Allan Poe (embora, e já lá vamos, a comparação não seja de todo descabida), estou a escrever que gostaria de ver José Cardoso Pires comentar, no mesmo tom sério e omnisciente com que os outros o comentam a ele, aquilo que escreveu até hoje. Teria de ser no papel, porque este escritor não tem o verbo fácil nem a eloquência fastidiosa dos profissionais do discurso em público, chamuscado pelas câmaras e pelas palmas. Em público, o José Cardoso Pires escolhe as palavras com a negligência com que escolhe os casacos aos quadrados e a

cor carregada das camisas. O lirismo sentimental, o didactismo convicto e o intelecto enfunado não são mapas da sua geografia mental. Com tudo o que com ele e sobre ele se tem escrito, penso que ele permanece um dos mais secretos romancistas contemporâneos. Às vezes indecifrável.

Por onde começar, então? Pela República dos Corvos, que é Lisboa? Começemos. Um dia, se um dinossauro excelentíssimo quisesse dar uma medalha de Lisboa a um escritor excelentíssimo teria que a dar ao José Cardoso Pires. A Lisboa das últimas décadas, decrépita e luminosa, encharcada de mar e aldrabice, vadia e aristocrática, tomou-a o escritor como sua e fê-la autêntica através da linguagem cuspidada, do humor ladino, da memória romântica e da vagabundagem poética de personagens que evocam um tempo e um lugar mais português do que todos os padrões das Descobertas. Este Corvo é o corvo Vicente, corvo de taberneiro, de língua afiada e resposta pronta. Um corvo que se não quer confundido com os corvos do brasão da cidade, nem com as Pegas do palácio de Sintra; um corvo com brios, que frequenta mulheres que vendem «ovos e criação» e matam o marido com gemas envenenadas. Um corvo que dispara logo para o bêbado que lhe estende a mãozinha que pardalinho era o corno do pai dele. O corvo sabe muito, distingue o som dos sinos da capela da cantilena dos homens que amolecem em vinho e sonho nos lugares onde antes se vendia carvão, pitrol e molinhos de carqueja. O corvo tem fidelidades à morte.

Na segunda história temos um juiz aposentado no Outono, a águas, pressentindo a velhice e a loucura, observando porcos voadores que cruzam o céu em frente ao mar, discutindo com o Cirurgião o que distingue (ou aproxima) o homem dos animais, e ambos do diabo (ou de Deus). Um crítico excelentíssimo poderia citar, a propósito destes diálogos, o materialismo não mecanicista de Diderot, o transformismo envergonhado de Buffon, o Umwelt e



sabe-se lá que mais, mas a moral é simples, de porco e de louco todos temos um pouco. Já Conrad confessara que antes de chegar ao Congo era um simples animal: o Congo transformara-o num homem porque lhe dera a capacidade de ver com olhos claros a sua específica animalidade. O homem é um animal que não se julga animal até ao momento em que assim se vê e assim se transforma em homem. Complicado? Cardoso Pires fala disto: contos em que os animais exibem consciência e desígnio. Dos porcos passamos às baratas que devoraram o senhor Franzisko Kapa, ou Franz K., que o escritor não está para subtilezas. Baratas que espreitam o homem à saída do seu universo fechado, vorazes e assassinas, insensí-

veis aos venenos que liquidarão outras espécies. Poeiras radioactivas e fantásticas metamorfoses ameaçam os quartos fechados e os campos abertos, enquanto o homem guiado pela inteligência cega esquece os conselhos da intuição. E, por falar em cegos, caímos num dos simbolismos favoritos do autor. Cegos há-os por todo o lado, e há-os em *Os Passos Perdidos*, *Informes sobre um congresso*, *Cães cegos guiam congressistas cegos*. «Os cegos possuem uma visão topográfica do universo imediato inteligentemente organizada em volumes, cheiros, temperaturas e sons e enriquecida por subtilíssimas ondas de premonição; uma visão, tudo indica, concebida como um labirinto de intuições e valo-

res sensoriais cuja chave lhes é por natureza exclusivamente reservada», dizem alguns. Um cego da América Latina, que também amava a extravagância, a arte paródica, os bestiários e as ambiguidades, haveria de apreciar as vantagens de cães de cego que mais do que cães de cego eram cães secretários, identificados com os amos, farejando as cousas da cultura acongressada. Dispensando-me de propor interpretações, mas é conhecida a «simpatia» do autor pelos mantos académicos e respectivas franjas. Em todo o caso, sempre adiante que o José Cardoso Pires sabe muito bem que a consciência artística ou a consciência criadora nunca precisaram de pedir um cão emprestado a um congressista. E que consciência vem de «cum scientia».

E a Lulu? A Lulu, nome de cão e de menina com lobo da Alsácia chamado Duque, vem logo antes dos *Passos Perdidos*. Passei por cima há bocado por causa das tais recorrências: já tinha falado nos bêbados, tinha de falar nos cegos. Agora falo das mulheres, e do machismo, evidentemente. Isto de pôr uma jovem esposa de sargento em guerra em «cópula carnal» com um cão (outra recorrência, demanda o crítico? Não creio) ou é perversão ou é mau gosto. E se eu vos disser que além do cão e da dona existe ainda um Alberto Soares, dado às odes, correspondente comercial e tradutor devoto de T.S. Eliot, não se arrepiam? E que aparecem ainda um professor Cheetah, um Sweeney (que no outro aparece «among the nightingales») e todos os cães dos Baskerville? Ah, Ah, berra o excelentíssimo crítico. Como não ver neste destempero, neste amor pelo grotesco, nesta complacência perante o feio e o mórbido, a influência do expressionismo alemão e antes dele a influência russa? E Eliot e Pessoa são porventura personagens de um fetichista impenitente? São. Ao artista todos os efeitos perversos são permitidos, a ficção e o onirismo fundamental desta ficção, não é um jogo democrático. Não tem que agradar a todos, se agradar ao autor. Eu, de Lulu, não gosto, por exemplo.

Mas, «servons la bonne cause, et servons nous». As mulheres nas tramas de Cardoso Pires estão sempre tramadas. Resta comentar o *Dinossauro*, mas o *Dinossauro* já esgotou comentários. Anotem, no entanto, a data da sua feitura (Natal de 69 e Março de 71) e reparem na coragem. O simbolismo nunca cede o passo à improvisação ou à negligência formal, e o tempo em que à pobreza se passou a chamar modéstia, o tempo dos dinossauros, foi tal qual. Maior naturalismo que o desta enorme metáfora não se encontra. O último conto, *O Pássaro das Vozes*, é o mais frágil porque menos original. Os imitadores de vozes talvez obrigassem o crítico a falar em Thomas Bernhardt mas eu prefiro falar em técnicas combinatórias, que são as do autor. A vida, tragicomédia ou farsa popular, é para José Cardoso Pires matéria dada, embora sujeita periodicamente a revisões. A natureza portuguesa suscitasse a natureza de um discurso íntimo onde factos se suspendem no tempo, à espera do carburante que os faça explodir. Tudo lhe serve, e assim se põe em marcha o motor da imaginação de um «escritor furão», cioso de um método narrativo, atormentado não por visões mas pela tirania da forma. Justaposição dos factos, interrogação sobre o sentido e o valor desses factos, sustentação das personagens no mundo político e social em que se mexem, fragmentação do tempo real e do tempo ordenado pela memória, são métodos de um romancista. Quando se relê *O Delfim*, onde cabe a segunda frase citada à cabeça deste artigo, percebemos que são os métodos de um excelente romancista. Edgar Allan Poe, jornalista por necessidade, bateu-se sempre contra o didactismo dos críticos e a pretensão convencional dos seus detractores. Acreditava na oficina. E na poesia como uma eloquência harmoniosa; era a favor das imagens e contra a informação. Talvez a melhor maneira de ler este escritor português insólito e inqualificável seja sem críticos, sem referências ao neorealismo ou à semiótica. Excelentísimamente.